

Vico e a descoberta do verdadeiro Homero

Vladimir Chaves dos Santos

Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. e-mail: vlasanto@terra.com.br

RESUMO. Vico estava atento às questões que pairavam no ar da República das Letras, particularmente àquelas postas pela Querela entre Antigos e Modernos, que vinha aquecendo muitos debates entre os doutos do início do século XVIII. De fato, ele dedicou seu engenho a solucionar a questão homérica da Querela. A sua solução era nova e rompia com Antigos e Modernos. Vico negou que a poesia homérica era filosófica ou fruto de uma reflexão refinada, mas afirmou ser excelente por seu vigor poético e por constituir um tesouro do direito e da história dos povos primitivos.

Palavras-chave: Vico, Homero, História.

ABSTRACT. Vico and the discovery of the true Homer. Vico took into account many issues that belonged to the Republic of Letters, especially those posited by the struggle between Ancients and Moderns, which raised several debates among learned men, in the early Eighteenth Century. Employing his wit to solve the Homeric question, his solution was new and disrupted with both Ancients and Moderns. Vico denied that the Homeric poetry was philosophy or the result of some refined reflection. However, he claimed it was excellent for its poetic force and as a historical anthropological treasure.

Key words: Vico, Homer, history.

A história fabulosa dos dois poemas homéricos foi divisada por Vico como um documento das origens do mundo social. A investigação do mundo heróico homérico inseria-se no esforço de trazer à luz as causas do mundo civil. Nesse sentido, a “nova ciência” teve como objeto a formação das relações e dos fenômenos sociais. Isso implicava, aos olhos de Vico, um profundo estudo das relações políticas, jurídicas e econômicas, bem como da moral, da psicologia, da linguagem, das artes e das ciências.

Uma das teses de Joseph Levine é a de que a Querela entre Antigos e Modernos, e especificamente o debate sobre o valor de Homero, constituíram mais uma causa do que uma consequência da “nova ciência” de Vico (Levine, 1991, p. 73). Já em seus primeiros textos, o anticartesianismo de Vico teria sido uma resposta à Querela no âmbito filosófico. No campo literário, Levine adverte para a *Querelle* que rebentou na França em 1715-16, cujo ponto de partida teria sido a questão do lugar de Homero na cultura ocidental (*Idem, ibidem*, p. 69).

Uma série de problemas e de soluções teriam sido dispostas pela querela francesa. E Nápoles não estava mais afastada do pensamento europeu quanto

Vico estaria de Nápoles. Com efeito, Vico e sua geração tinham mantido muito contato com as novas idéias e com os novos debates da república das letras, por meio de refinados ambientes intelectuais e vários jornais literários que circulavam por copiosas e eruditas livrarias napolitanas (*Idem, ibidem*, pp. 62-63). Foi justamente dirigindo-se à república das letras, que Vico entrou nessa arena de combate aberta pela questão homérica e pretendeu trazer inovações para a interpretação do contexto histórico em que foram confeccionadas a *Ilíada* e a *Odisséia*.

De fato, as hipóteses de Vico até hoje inquietam os pesquisadores da obra homérica, que lhes reconhecem o caráter inovador. Ele tornou-se um ponto de referência:

Uma terceira visão da questão foi sugerida pelo filósofo italiano Giambattista Vico (1668 - 1744). Ele estava com Aubignac no problema do poeta-indivíduo: não havia tal homem. Mas essa hipótese levou-o a um julgamento muito diferente daquele de Aubignac, um juízo ao mesmo tempo mais romântico e mais profundamente histórico. Ele declarou que os poemas homéricos foram a criação não de um homem, mas de todo um povo, e que a grandeza deles foi devida a essa origem. Eles são a

verdadeira expressão do gênio grego em uma idade de sua história” (Parry, 1987, xiii).

Conveniente seria fazer um panorama das discussões sobre Homero na querela francesa de então. Levine cita Perrault, que teria se esforçado por mostrar as faltas do antigo poeta grego: sua pobre composição, fraco projeto, má caracterização, sua moral grosseira, rudes maneiras e tolos símiles (Levine, 1991, p. 69). Perante tampouco concedeu ao poeta qualquer competência como filósofo ou cientista. O Abbé d’Aubignac era um dos que teria negado a verdadeira existência de Homero e teria, ainda, afirmado que a *Ilíada* e a *Odisseia* não tinham sido mais que pequenas peças de diferentes autores coligidas mais tarde (*Idem, ibidem*, pp. 69 e 75). Para o Abbé Terrasson, destronar Homero parecia necessário ao progresso na literatura, assim como teria sido preciso remover Aristóteles para o progresso da ciência (*Idem, ibidem*, p. 70). As contestações dos modernos gravam basicamente em torno desses argumentos.

Em contrapartida, para os apólogos dos antigos, não havia surgido qualquer aceitável rival moderno da poesia homérica. Além disso, a idéia de que Homero é uma fonte de sabedoria era mantida à época de Vico. Madame Dacier, por exemplo, teria elogiado Homero por sua poesia e sua sabedoria teria defendido a realidade histórica de ambos os poemas e do poeta e teria aceitado a venerada tradição de que Homero tinha encontrado sua sabedoria filosófica no Egito (*Idem, ibidem*).

Tornava-se necessária uma solução além de qualquer outra já proposta por antigos e modernos. Vico, então, empenhou-se por proceder uma síntese de concepções opostas de antigos e modernos nessa querela literária sobre Homero. Já no *De nostri temporis studiorum ratione*, o filósofo napolitano procurava conciliar a *ratio studiorum* dos antigos e a dos modernos. Na verdade, tratou-se de reivindicar a restauração das humanidades, sobretudo da retórica, no programa educacional moderno, de perfil cartesiano. Isso significou combinar duas formas rivais de *paidéia*, que desde os tempos antigos se hostilizavam: a de Platão, baseada na filosofia científica, e a de Isócrates, calcada na cultura retórica.

Na questão homérica, Vico também recorreu simultaneamente à literatura e à filosofia. Em sua *Autobiografia*, declarou que a inspiração da *Scienza Nuova* viera da leitura de Grotius, com quem teria aprendido a necessidade de se comporem os métodos de filosofia e filologia (Vico, 1953, p. 48). Levine sustenta que a querela entre antigos e modernos deve ter reforçado esse *insight* (Levine,

1991, p. 74). Não se poderia, sem o recurso à filologia, determinar a natureza das antigas realizações; do mesmo modo, seria muito difícil avaliá-las sem a filosofia.

Ao tratar da questão homérica, Vico começou por negar que Homero fosse filósofo, no sentido de ser fornido de uma sabedoria *riposta*¹. Ele entendeu que Homero não fora detentor de uma sabedoria diferenciada da vulgar. Aqueles que acabaram por se distinguir da sabedoria vulgar, a esses Vico deu o título de filósofos, os quais só apareceram em um estágio muito avançado do processo civilizatório, após a escrita vulgar e o surgimento da *pólis*. Esse não seria o caso de Homero, pois parece ter possuído uma sapiência poética, que, segundo Vico, era comum entre os povos da Grécia antiga, um tipo de sabedoria próprio dos homens da era heróica da história. Homero seguiu os sentidos e costumes vulgares da Grécia, naquele tempo, bárbara. Tal qual a Grécia, Homero foi bárbaro.

De acordo com Vico, há várias razões para se pensar que Homero sentisse e pensasse como tal. Homero estimava os deuses pela força. Júpiter (Zeus) queria demonstrar - no episódio da hipotética disputa de “cabo de guerra”, ele sozinho contra todos os deuses juntos (Homère, 1972, VIII, 18-27) - que ele era o rei dos deuses e dos homens em virtude de suma força. Minerva (Atenas) era a deusa da filosofia na crença comum, mas usava uma armadura digna da sapiência de um tal Júpiter (Zeus) tão aguerrido. Homero também narrou costumes não pouco cruéis: envenenar as setas; não sepultar os inimigos, mas deixar-lhes insepultos para pasto de corvos e cães, tal o episódio do resgate do corpo de Heitor por Príamo das mãos de Aquiles (*Idem, ibidem*, XXIV). Se Homero fosse sábio, vale dizer sábio asceta, e visasse a amansar a ferocidade do vulgo, não despertaria nesse o deleite com costumes tão selvagens, não alentaria o gosto pelas vilanias dos deuses, como se não bastasse as dos heróis, tal o episódio em que Marte (Ares) se dirige a Minerva (Atenas) em termos chulos (*Idem, ibidem*, XXI, 394). Por sua vez, Aquiles, o melhor dos aqueus, irado contra Agamemnon, chefe máximo dos aqueus, não lhe poupa impropérios: “bêbado, de olhos de cão e coração de cervo” (*Idem, ibidem*, I, 225).

¹ A tradução desse termo é muito difícil. Sabedoria *riposta* significa literalmente “recolocada”. Nesse sentido, a sabedoria seria “recolocada” pelo fato de a sabedoria poética haver já estabelecido mediante a fantasia todos os elementos do conhecimento humano sob a forma de conceitos fantásticos; mais tarde, na idade da razão, tais elementos teriam sido “recolocados” sob a forma de conceitos abstratos. Entretanto há um outro sentido de matiz sociológico, segundo o qual a sabedoria *riposta* estaria em oposição à sabedoria vulgar, significando assim “reservada”, vale dizer, sabedoria que não seria acessível a todos.

Vico também levantou como exemplo de mentalidade bárbara o próprio argumento da *Iliada*: a desavença entre um soberano estúpido e um herói rude. Homero, tido até como ordenador da civilidade grega, pela insensatez de Agamemnon começa o fio com que tece a *Iliada*. Os maiores personagens desse poema, um tal soberano e um tal herói, são bastante tão inconvenientes para nossos parâmetros de civilidade. Entretanto, segundo Vico, Aquiles é decoroso em relação à natureza heróica de homens belicosos (Vico, 1992, § 783). Além disso, outros heróis têm o ânimo aflito e são hedonistas, sobretudo o sábio Ulisses (Odiseu), cujo maior conforto é comer e se embriagar, tantos são os banquetes narrados ao longo da *Odisséia*. Homero fez muitas comparações a partir de feras e de outras coisas selvagens. Isso seria necessário para fazer-se melhor entender pelo vulgo feroz e selvagem.

Tudo isso não poderia derivar de uma natureza domesticada e civilizada por alguma filosofia, não aquela truculência e ferocidade de estilo com que Homero descrevia várias e sanguinárias batalhas que particularmente fazem toda a sublimidade da *Iliada*. O valor da constância, que historicamente se estabeleceu e se firmou com o estudo da sapiência dos filósofos, sobretudo com os estóicos, não poderia forjar os deuses e os heróis tão instáveis e volúveis. Vico descreveu alguns desses caracteres: uns, comovidos e turbados, por pequeno motivo, aquietam-se e tranquilizam-se; uns outros, no bulir da cólera, lembrando coisas tristes, desaguam em prantos; uns, de grande dor aflitos, apresentando coisas agradáveis, como Ulisses (Odiseu) na ceia de Alcinoos (Homère, 1924, VIII), esquecem-se das desditas e se deitam na alegria; outros, repousados e quietos, por causa de inocentes palavras que não lhe agradem, ressentem-se e explodem cegamente encolerizados, ameaçando de morte quem quer que lhas tenha dito, tal é o episódio de Príamo na tenda de Aquiles (*Idem*, 1974, XXIV).

Além disso, no caso da *Iliada*, não há valores abstratos como pátria, nem grandes interesses como a glória das nações: nem uma nem outra coisa movem Aquiles a prestar socorro aos aqueus. Vico concluiu que se deveria negar a Homero toda espécie de sapiência *riposta* (Vico, 1992, § 787).

Vico, assim, abandonava a missão de recuperar a sabedoria filosófica dos antigos, devido ao anacronismo dessa busca vã. Entretanto não concluiu daí uma apologia dos modernos. Para Vico, a filosofia era uma *sapienza riposta* que nasceu e se diferenciou da sabedoria vulgar somente na idade dos homens, ou seja, após quase todas as invenções das artes, tanto as necessárias à vida, como as úteis,

cômodas, aprazíveis, supérfluas, faustuosas, condições essas para o ócio do filósofo². Não se encontrariam filósofos na primeira idade dos heróis. Por isso, ele negou qualquer sabedoria filosófica a Homero. Desse modo, rompia com a visão de que a mitologia antiga escondia uma filosofia sob forma alegórica.

Entretanto, nos poemas homéricos, ele detectou formas sedimentadas de sabedoria, que se originavam de uma tradição rapsódica, puramente oral. Na *Iliada* e na *Odisséia*, não haveria filosofias, mas conhecimentos vulgares, expressos sob a forma - que Vico definiu de maneira toda própria - de caracteres poéticos, ou universais fantásticos, que não nascem diretamente de uma reflexão individual, mas a partir de um longo processo histórico de uma tradição oral. Vico concluiu que a sabedoria vulgar dos tempos de Homero fora naturalmente poética. Por deficiência de abstração, as mentes dos homens primitivos teriam desenvolvido naturalmente um apuro não dos universais, mas dos particulares, de sorte que sua linguagem seria confeccionada basicamente por metáforas e por metonímias e não por conceitos e definições.

Em seguida, o filósofo napolitano abordou o problema de saber qual teria sido a pátria de Homero. Com efeito, quase todas as cidades da Grécia e mesmo da Itália disputavam a honra de haver sido a pátria de Homero, provavelmente porque as palavras, as frases e os dialetos encontrados em seus poemas eram correntes em qualquer uma delas. Há uma passagem da *Odisséia* (Homère, 1924, VII, 320-5) em que Alcínoo promete reconduzir Ulisses (Odiseu) a sua pátria, alegando que seus remadores eram tão rápidos que certa vez levaram Radamanto a Eubéia, lugar extremamente distante para eles. Ora, Eubéia não era muito longe de Tróia, palco da *Iliada*. Para Vico, isso era um sinal de que o mundo conhecido da *Odisséia* seria diferente do mundo conhecido da *Iliada*. Além disso, há o fato de que a *Odisséia* se passa no ocidente grego, e a *Iliada*, no oriente. Vico mencionou que vários autores se esforçaram por provar que Homero era grego da Itália e não da Jônia (Vico, 1992, § 788). Essa discrepância de mundos suscita a hipótese de que o autor da *Odisséia* teria sido do ocidente da Grécia, e portanto não seria o mesmo que o autor da *Iliada*, que muito provavelmente seria oriundo da Jônia. Haveria, então, dois ciclos poéticos, ambos mitificados na pessoa de Homero.

² Primeiro, desenvolveram-se as artes; depois, as filosofias e ciências; cfr. *Scienza Nuova*, § 498.

A idade de Homero é mais uma grande dúvida a seu respeito. Seguindo o método aproximativo, Vico tentou encontrar, por meio de indícios presentes nos textos, parâmetros que determinassem sua idade, estabelecendo uma faixa provável. Por exemplo, Aquiles, nos funerais de Pátroclo, promoveu quase todas as modalidades de competições que mais tarde a Grécia celebrou nos jogos olímpicos (Homère, 1974, XXIII, 257sg). Já se encontrava a arte de fundir em baixo relevo, de entalhar em metais, como se demonstra no escudo de Aquiles (*Idem, ibidem*, XVIII, 483sg). A pintura, porém, não tinha sido ainda encontrada. Nem Homero nem Moisés teriam mencionado coisas pintadas. Os heróis homéricos se alimentavam de carne assada, alimento mais simples que qualquer outro, porque requer apenas brasas. Seus alimentos mais delicados foram talvez farinha de cevada, mel e peixes. Somente mais tarde surgiriam os alimentos cozidos, que necessitam de panela e tripé; por fim, teriam sido inventados os alimentos condimentados. Esses seriam indícios da antigüidade de Homero.

Por outro lado, as delícias dos jardins de Alcínoo, a magnificência de seu reino e as ceias fartas nos atestam que os gregos já admiravam o luxo e o fausto (*Idem*, 1924, VII-VIII). A efeminação de Páris seria sinal característico dos tempos modernos. Homero parece ser dos tempos em que já era decaído na Grécia o direito heróico e começava-se a cultivar a liberdade popular. No direito heróico, os casamentos apenas eram possíveis entre os patrícios de uma mesma linhagem. Segundo Vico, a mistura do sangue patrício com o sangue plebeu seria o tema do mito da morte de Hércules: o sangue do centauro Nesso, que lhe queimara a pele, contaminou o sangue do herói, levando-o a tamanho acesso de loucura que ele se precipitou no vulcão Etna, aí morrendo. A interpretação de Vico (Vico, 1992, § 802) estava calcada no princípio de que os mitos continham originalmente preceitos de doutrina civil e depois foram transportados à metafísica e à moral (*Idem, ibidem*, § 424, 426). Nesso simbolizava o monstro da plebe, que teria duas naturezas discordantes, metade nobre, metade bestial, e a contaminação significava que em meio às guerras civis comunicava-se os conúbios à plebe, diluindo o direito patrício com a liberdade popular, de modo a levá-lo à ruína.

Vico sustentou a hipótese de que Homero talvez não tenha visto o Egito. Tudo quanto é narrado particularmente na *Odisséia* acerca do Egito, da Líbia, da Fenícia, da Ásia, da Itália e da Sicília, segundo Vico, procedia das relações que os gregos tiveram com os fenícios; por longo tempo, mantiveram

comércio, e deles advinha toda sorte de iguarias. Somente após os tempos do romano Numa, ou seja, aproximadamente 400 anos depois da guerra de Tróia, é que o egípcio Psammético teria aberto o Egito à Grécia. A partir daí, Vico pôde conjecturar que, ao longo desses quatrocentos anos, tais poemas foram por muitas cabeças trabalhados e carregados. Essa hipótese fundava-se no princípio de que docilidade e crueldade não são coetâneos³. Aqueles tantos e tão delicados costumes descritos acima seriam bem posteriores a outros selvagens e hostis.

As decerto inatingíveis qualidades da poesia de Homero depõem a favor da suposição de que seus poemas foram, por longo tempo, laborados e reconduzidos por muitos. Vico perguntava como Homero, sendo anterior à filosofia e às artes poéticas e críticas, pode ter sido o mais primoroso de todos os poetas épicos, de tal modo que, depois de encontradas as filosofias e as artes poéticas e críticas, não houve sequer algum poeta que não ficasse senão muito aquém dele. A tragédia, que nasce depois, começou tão grosseira e, no entanto, Homero, o primeiro dos primeiros, é tão sublime. Qual a razão dessa diferença de qualidade? A razão, segundo Vico, estava na origem da poesia, e a chave para se desvendar o segredo de tamanha sublimidade da poesia homérica estava nos caracteres poéticos, que constituíam, aos olhos de Vico, a essência da poesia heróica⁴.

Os caracteres poéticos dos tempos heróicos eram formados por via de um processo coletivo. De acordo com Vico, são gêneros fantásticos, aos quais os povos gregos vincularam todas as diversas particularidades pertencentes a cada um desses gêneros. Por exemplo, Aquiles, que é o protagonista da *Ilíada*, recebeu todas as propriedades da virtude heróica e todos os sentidos e os costumes que lhe cabem: ressentidos, belicosos, coléricos, implacáveis, violentos, que arrogam toda a razão à força. A Ulisses (Odiseu), que é o protagonista da *Odisséia*, aplicaram tudo que convém à sabedoria heróica, isto é, sentidos e costumes espertos, tolerantes, dissimulados, dúbios, enganadores, que louvam a propriedade das palavras. E, para ambos os caracteres, vincularam ações particulares, segundo cada um dos dois gêneros. Isso seria uma necessidade natural,

³ Esse princípio histórico resulta de uma interpretação de Vico, concernente a um preceito oraciano originalmente voltado à composição poética; cf. HORACE, *Ars Poetica*, Hachette, 1868, 12. "Scimus et hanc ueniam petimusque damusque uicissim, sed non ut placidis coeant immitia, non ut serpentes aibus geminentur, tigribus agni".

⁴ Cabe lembrar que Aristóteles parecia privilegiar a ação e os mitos na Tragédia e no épico; cf. *Poética*, 1450a. Em contrapartida, Vico meditou sobre a riqueza dos caracteres (*éthé*) e da elocução (*lexis*) poéticos.

pelo fato de os homens da era heróica serem incapazes de abstrair as formas e as propriedades dos sujeitos; em conseqüência, tais caracteres poéticos, isto é, os universais fantásticos, devem ter sido uma maneira de pensar de um povo inteiro, dentro do qual se deu essa necessidade natural da mente que há nos tempos de maior barbárie.

A mente humana, dominada pela robustez dos sentidos, não pode, de outro modo, celebrar a divina natureza senão com a fantasia pela qual engrandece as particularidades das coisas. Esses gregos, ainda estúpidos, necessitavam dessas particularidades que lhes chamassem mais a atenção, para se darem conta delas e assim relacioná-las a seus gêneros. Os povos de então, que elaboraram os caracteres poéticos, não percebiam os costumes humanos de outro modo senão mediante uma linguagem estrepitosa de luminosos exemplos. Todas essas coisas eram conformes entre si e naturalmente uniformes nos seus sujeitos; na uniformidade, conveniente ao senso comum de toda uma nação, consistia unicamente o decoro, ou seja, a beleza e a firmeza de uma fábula e, porque se formavam por fortes imagens, não eram senão sublimes. Nota-se, entre outras coisas, como, na estética de Vico, era caro o princípio de que o sublime poético deveria andar unido ao popularesco (*Idem, ibidem*, § 809).

Vico mencionou o elogio de Aristóteles a Homero (Aristóteles, 1992, 1460a), segundo o qual as ficções poéticas foram sabiamente elaboradas por ele, na medida que os seus caracteres poéticos eram muito convenientes. Também fez alusão à dificuldade que Orácio (Horace, 1868, 128sg) encontrava para a composição de caracteres e de personagens depois de Homero, aconselhando aos outros poetas que o vislumbrassem como modelo, pelo fato de seus caracteres serem insuperáveis.

A título de comparação, Vico esboçou a evolução da comédia grega no que diz respeito à formação dos caracteres poéticos. A comédia antiga tomava argumentos ou sujeitos verdadeiros e colocava-os na fábula, quais eram, como Aristófanes fez com Sócrates em sua comédia *As Nuvens*. Na “nova comédia”, todos os argumentos e as personagens deveriam ser fictícios. Isso se deveu àquela lei dos trinta tiranos de Atenas, de 404 a.C., que vetou designar com seus nomes personagens vivos, assim como voltar-se aos espectadores por meio da pessoa do corifeu. Ao forçar os poetas a fingir os assuntos, em vez de tirá-los da realidade, essa lei também marcaria uma mudança de percepção do povo grego, porquanto supunha uma maior capacidade de abstração.

A “nova comédia”, nascida nos tempos da mais sagaz reflexão, retratava os costumes humanos sobre os quais havia meditado a filosofia socrática, de modo que, a partir de suas máximas gerais relativas à moral humana, puderam os poetas gregos (Menandro, por exemplo, e Terêncio entre os latinos) forjar certos exemplos de homens ideais, isto é, tipos, à luz dos quais se pudesse despertar o vulgo, o qual tanto é dócil para aprender por fortes exemplos, quanto é incapaz de aprender por máximas racionadas (Vico, 1992, § 808). De acordo com o filósofo napolitano, o gosto do vulgo confirma que não se apreciam dramas senão tomados de histórias verdadeiras e, no entanto, suportam-se os argumentos fingidos nas comédias, porque, tratando-se de estórias privadas e por isso desconhecidas, crêem-nos verdadeiros.

Algo análogo à passagem do real para o fictício na evolução da comédia teria ocorrido na história da poesia heróica. Segundo Vico, todas as fábulas sob o seu nascer foram verdadeiras histórias; depois, pela transmissão dessas, pouco a pouco foram alteradas e corrompidas por poetas posteriores; e, assim, em um terceiro momento, finalmente chegaram a Homero. Portanto os poemas homéricos pertencem a um estágio tardio da era heróica, desdobramento de um longo processo em que se formaram os caracteres poéticos.

Vico citava Ludovico Castelvetro (*Idem, ibidem*, § 812), segundo o qual primeiro veio a história e depois a poesia, consoante o princípio aristotélico de que a história é uma simples enunciação do verdadeiro, mas a poesia é imitação de algo mais. Conforme esse raciocínio, a poesia seria algo mais sofisticado do que a história - esta ligada ao particular; aquela, ao universal (Aristóteles, 1992, 1451b). De fato, os homens são naturalmente levados a conservar as memórias das leis e das instituições que têm dentro de sua sociedade. Entretanto, para Vico, a primeira, forma de história deve ter sido uma poética de caracteres heróicos. Assim, primeiramente, manifestara-se uma história poética, isto é, a mitologia, inteiramente de acordo com o modo corrente de falar. Somente mais tarde, quando a sabedoria vulgar, já por demais imbuída de universais, havia-se tornado mais analítica e já não era mais poética naturalmente, a poesia passou a ser um modo impróprio de falar, o que deu origem à história e à arte poética como disciplinas separadas.

A propósito, Vico aludiu ao fato de que os primeiros poetas latinos heróicos, sendo bárbaros e carecendo de reflexão, somente cantaram histórias verdadeiras: as guerras romanas. E também, nos tempos bárbaros retornados, na chamada Idade

Média, os mesmos poetas latinos não fizeram diferente: os romancistas pretendiam escrever histórias verdadeiras, como as canções de gesta de Carlos Magno e seus pares. Mesmo Dante, segundo Vico (Vico, 1992, § 817), por mais douto que fosse de sapiência *riposta*, em razão dessa mesma natureza da barbárie, a qual por defeito de reflexão não sabe fingir, expôs pessoas que existiram e representou verdadeiros fatos e, por isso, deu ao seu poema o título de “comédia”, qual a antiga comédia dos gregos, que punha personagens históricos nas tramas.

Seguindo a tese de Levine, o paralelo entre Dante e Homero talvez tenha sido mais causa do que consequência da concepção do *corso* e *ricorso*, isto é, da idéia de que há ciclos culturais que revitalizam elementos e estruturas aparentemente ultrapassados (Levine, 1991, p. 75). Tais caracteres poéticos, originariamente mais ligados ao particular do que ao universal, deveriam unicamente conter significados históricos dos primeiros tempos da Grécia. Essas histórias foram naturalmente conservadas pela memória dos povos: como crianças da humanidade, deviam se valer da memória maravilhosamente. Os povos eram quase todo corpo e quase nenhuma reflexão, todos vívidos para sentir as particularidades, com forte fantasia para aprender-lhes e engrandecer-lhes, com agudo engenho para reportar-lhes a seus gêneros fantásticos e com robusta memória para reter-lhes. Essas faculdades pertencem à mente, mas põem suas raízes no corpo e daí tiram vigor. Memória, enquanto relembra as coisas; fantasia, enquanto as altera e falsifica; engenho, enquanto as contorna e põe em conveniência e ajustamento. A natureza dos homens heróicos era tal que sua linguagem poética não podia ser senão impressionante, memorável, fantástica e engenhosa. Eles eram poéticos por necessidade da natureza.

Para o filósofo napolitano, a natureza pesava muito em matéria de poesia. Em todas as outras faculdades, poderia ter sucesso com trabalho quem não tem a natureza; mas, em poesia, segundo Vico, seria negado a quem não tem a natureza poder sair-se bem com trabalho apenas. As artes poéticas e críticas servem para tornar cultos os engenhos, mas não os torna grandes (Vico, 1992, § 822).

Portanto a poesia não deve ser um produto intelectualístico. Assim, Vico negava a razão como faculdade poética. Nesse ponto, encontrava-se em acordo com Platão⁵. Conforme o filósofo ateniense, a poesia não era produzida por uma técnica, mas por uma força divina (*théia dinamis*) (Platão, *Ion*, 533d-e).

⁵ Descartes também havia enunciado o mesmo princípio, cf. Descartes, *Discours de la Méthode*, Vrin, 1965, I.

Entretanto, para Platão, a poesia derivava da inspiração e do furor, ao passo que, segundo Vico, resultaria de uma necessidade mental (Sorrentino, 1927, p. 281).

Cabe ressaltar que a “natureza” talvez não seja tão inflexível para as possibilidades da poesia moderna. Tal “natureza”, em certo sentido, pode ter significado um “estado de natureza” da linguagem, que estaria ligado à infância em geral e que poderia ser recuperado em cada homem por meio de um rejuvenescimento daquelas mesmas faculdades mentais que se nutrem da sua ligação com o corpo, isto é, da memória, da fantasia e do engenho. Do contrário, estaria perdida a poesia na idade da razão. No entanto, Vico dava mostras de afirmar sua possibilidade, desde o início, como ao dissertar sobre um programa educacional que valorizava o cultivo da imaginação em cada homem. Desde então, ele já levava em conta que a imaginação era mais forte nos jovens, e o raciocínio, nos velhos. Assim, as disciplinas deveriam ser aplicadas conforme exigissem, primeiro, da memória; depois, da imaginação; por fim, do raciocínio. Mais tarde, na *Scienza Nuova*, Vico enxergou os primitivos fundadores das nações como crianças e a própria modernidade como vetusta (Vico, 1992, § 498).

Os homens eram naturalmente poetas porque suas limitações intelectivas lhes exigiam o desenvolvimento de uma linguagem que desse conta das miríades de particulares. A metáfora e a metonímia, nesse caso, teriam nascido da incapacidade de se formular conceitos e definições.

Homero foi grande, pois assim o determinou sua “natureza” poética; contudo, não se pode inferir que ele foi culto, uma vez que sua natureza provavelmente não foi delicada. Para Vico, seria impossível existir alguém poeta e metafísico de modo igualmente sublime, porque a metafísica abstrai a mente dos sentidos, e a faculdade poética imerge toda a mente neles; a metafísica eleva-se aos universais, a faculdade poética deve aprofundar-se dentro das particularidades (*Idem, ibidem*, § 821). As sentenças poéticas dos homens heróicos eram conceitos de paixões verdadeiras, cuja força da vigorosa fantasia comove inevitavelmente. Tais sentenças, bem como aquelas comparações poéticas com seres selvagens e hostis, além das atrocidades descritas nas batalhas homéricas, não podem ter vindo de pessoa erudita, gentil e tranqüila. Embora contendo os mais sublimes mistérios da sapiência *riposta*, não podem ter sido concebidas por mente ordenada e grave, qual a do filósofo. Avançando o raciocínio abstrato e a filosofia, declinava a imaginação concreta e, junto com ela, a poesia.

As fábulas heróicas foram feitas por semelhanças, imagens e comparações nascidas da própria incapacidade de se abstraírem gêneros e espécies para definir as coisas com propriedade. As coisas, que podem parecer futilidades e inconveniências da linguagem heróica, provêm do fato de essa linguagem ser pobre em gêneros e espécies, porquanto ainda estava em formação a língua dos povos gregos. No tempo em que ainda não eram encontrados os caracteres da escrita vulgar, as nações falavam em versos, os quais, com metros e ritmos, agilizavam a memória para conservar mais facilmente as suas histórias familiares e civis. À época de Homero, e um pouco depois dele, ainda não se usava a escrita vulgar. Assim, por necessidade da natureza, os primeiros povos gregos falaram em verso heróico.

As fábulas, as sentenças, os costumes, os discursos, os versos celebrados nos tempos dos heróis foram propriedade de povos inteiros, comum a todos os indivíduos. Por isso, Vico negou que Homero fosse filósofo, isto é, que ele tivesse algum tipo de sabedoria abstrata que contrastasse com o senso comum de seu povo. Os possíveis sentidos filosóficos dos poemas homéricos não vêm deles, mas neles foram inseridos pelos filósofos posteriormente. A sapiência *riposta* é de poucos homens distintos, mas os caracteres poéticos heróicos derivaram de todo um povo. O decoro em relação a eles poderia ser cumprido somente por gente de forte fantasia e parca reflexão e não por homens doutos em filosofia, artes poéticas e críticas. Por esse decoro, Aristóteles teria dado a Homero o privilégio de ser inatingível em seus poemas.

A empreitada de Vico o levou a restituir às fábulas seu sentido histórico nato. Todas as antigas histórias teriam fabulosos princípios. Os povos bárbaros, fechados a todas as outras nações do mundo, como foram os germanos antigos e os americanos antes das “descobertas”, teriam conservado em versos os princípios de suas histórias. Os primeiros escritores das nações tanto antigas como modernas foram poetas. Isso posto, Vico apontou um outro aspecto do sentido histórico das fábulas: além de serem históricas, porque se referem a narrações verídicas, são, por assim dizer, históricas no seu processo de confecção.

De fato, Homero não deixou escrito nenhum de seus poemas e tampouco deu mostras de conhecer a escrita. Um dado destacado por Vico é o fato de Homero não haver feito alusão a cartas vulgares em seus poemas. As cartas deviam ter sido feitas por sinais (*sémata*)⁶. De qualquer modo, os poemas foram conservados pelos rapsodos, que, segundo Vico, eram

homens do povo que guardavam de memória os poemas de Homero. Os rapsodos, aqui e ali, cantavam parte por parte dos poemas homéricos nas feiras e nas festas das cidades gregas. Os Pisistratides, tiranos de Atenas no século VI a.C., fizeram dividir esses poemas em *Ilíada* e *Odisséia* (*Idem, ibidem*, § 853). Segundo consta, foram setenta e dois gramáticos convocados por Pisistrato para reordenar, cada um separadamente, as rapsódias homéricas. Aristarco teria, então, purificado, dividido e ordenado os poemas, de modo que daí em diante não havia mais necessidade de os rapsodos cantarem por partes e de memória. Os Pisistratides também determinaram que os rapsodos cantassem nas festas panatenaicas (*Idem, ibidem*, § 854).

Pondo Homero nos tempos do romano Numa e Psammético do Egito, Vico supôs que deve ter corrido muito tempo para que se chegasse à escrita. Até que isso acontecesse, os rapsodos seguiram conservando os poemas de memória; donde se entende o quanto esses épicos devem ter sido um amontoado confuso de episódios, ainda mais quando se vê a infinita diferença que se pode observar entre os estilos de um e de outro poema homérico. Eram tantas as variedades de dialetos, tantas inconveniências nas fábulas, que devem ter sido vários os idiotismos dos povos da Grécia.

Não só os estilos, mas as próprias temáticas dos dois poemas são discrepantes. Vico recordava Diógenes Longino, que, para dissimular a grande diferença entre os estilos dos dois poemas, teria dito que Homero, sendo jovem, compôs a *Ilíada* e, velho, a *Odisséia* (*Idem, ibidem*, § 866). Segundo Vico, tal conjectura se justificava na medida em que Homero apresentou, na *Ilíada*, a cólera e o orgulho de Aquiles, que são propriedades dos jovens, e, na *Odisséia*, narrou as dubiedades e as cautelas de Ulisses (Odisseu), que são costumes dos velhos.

O filósofo de Nápoles sustentava a hipótese de que Homero foi todo esse processo histórico de transmissão oral da Guerra de Tróia até os tempos de Numa e Psammético. Com Homero, teria ocorrido o mesmo que com a guerra de Tróia: talvez jamais tenha sido real (*Idem, ibidem*, § 873). Da guerra de Tróia, assim como de Homero, nada restou além de seus poemas.

Vico considerou que Homero foi um poeta ideal, não um homem em particular. Homero seria uma idéia ou um caráter heróico de homem grego que acompanhava a transmissão de seus poemas. Ele seria, ao mesmo tempo, um poeta-símbolo e dois poetas-indivíduos. Em outras palavras, Vico sugeria que Homero fora composto por uma anterior turba de poetas populares menores e por dois posteriores grandes poetas, os quais, reelaborando poeticamente a matéria histórica passada, teriam-na transmitido, mesmo com os desgastes causados pela transmissão oral, mais ou menos sob a forma como estão os dois poemas.

⁶ Como no mito de Belerofonte, o qual teria sido incumbido por um rei ciumento, chamado Preto, de entregar a outro rei uma mensagem, cujo conteúdo, expresso por “sinais funestos”, determinava a própria morte do herói; cf. *Ilíade*, VI. Leia-se *Scienza Nuova* § 433, 438, 859.

O filósofo napolitano refutou formalmente a existência de Homero, na medida em que a noção de autoria individual se vinculava a um tipo de conhecimento que chamou de *sapienza riposta*. Para ele, a *Iliada* e a *Odisséia* eram obras do povo. O povo teria laborado tanto quanto o poeta. Um era a voz; o outro, o eco.

Homero teria vindo pela boca e na memória desses povos gregos desde a guerra de Tróia até os tempos de Numa e Psammético, o que equivaleria a aproximadamente 400 anos. Vico chamou a atenção à imagem de um Homero cego e pobre, que andava pelos mercados cantando seus poemas. A cegueira e a pobreza de Homero foram a dos rapsodos, os quais, sendo cegos, valiam-se maravilhosamente da memória e, sendo pobres, sobreviviam cantando os poemas de Homero pelas cidades da Grécia, poemas dos quais esses, em certa medida, também eram os autores, porque faziam parte daqueles povos que tinham composto as suas histórias.

Homero compôs jovem a *Iliada*, quando era jovem a Grécia, ardente de sublimes paixões, como o orgulho, a cólera, a vingança, paixões que não sofrem dissimulações e amam a generosidade: admiraram, então, Aquiles, herói da força. Compôs velho a *Odisséia*, quando a Grécia tinha refreado os ânimos com a reflexão, que é mãe da esperteza: admiraram Ulisses (Odiseu), herói da sapiência. Nos tempos do Homero jovem, aos povos gregos apraziam a crueldade, a vilania, a ferocidade, a hostilidade e a atrocidade; nos tempos do velho Homero, já se deleitavam com os luxos de Alcínoo, com as delícias de Calipso, com os prazeres de Circe, com os cantos das sereias, com os passatempos dos pretendentes e com os assédios a castas mulheres. Segundo Vico, esses costumes não podem ter sido contemporâneos, de modo que o Homero da *Iliada* deve ter de muito precedido o Homero da *Odisséia*.

Um Homero assim concebido, perdido na multidão dos povos gregos, pode justificar todos os seus alvos de crítica (as vis sentenças, os vis costumes, as vis comparações, os idiotismos, as licenças dos metros, a inconstância e a variedade dos dialetos) e ter feito os homens deuses e os deuses homens. Em relação a esse último “inconveniente”, Vico defendeu a idéia de que os homens interpretam segundo os seus costumes as coisas dúbias e obscuras que os circundam (*Idem, ibidem, § 220*). Assim, temendo que os deuses fossem contrários a seus votos, na medida em que fossem contrários a seus costumes, os homens ligavam seus costumes aos deuses; em conseqüência, concebiam obscenos e dissolutos sentidos às fábulas. Homero foi inigualável nas selvagens e hostis comparações, nas suas cruéis e atrozes descrições de batalhas e de mortes, nas suas sentenças cheias de paixões sublimes e na sua elocução plena de evidência e

de esplendor. Tudo isso foi propriedade da idade heróica dos gregos.

Com a sua teoria a respeito de Homero, Vico pretendia purgá-lo de três idéias equivocadas: a de que ele foi o ordenador da civilidade grega, a de que ele foi o pai dos poetas e a de que ele foi a fonte da filosofia grega. A primeira seria equivocada porque, segundo Vico (*Idem, ibidem, § 901*), muito antes, desde os tempos de Deucalião e Pirra, os homens já começavam, com matrimônios, a fundar a civilidade grega. A segunda não procedia porque, como já foi dito, houve duas fases da poesia heróica antes de Homero: na primeira, floresceram aqueles que Vico chamou de poetas teólogos, isto é, aqueles que foram eles mesmos heróis e que cantaram fábulas verdadeiras e severas, como Orfeu, Anfião, Lino e Museu; a segunda foi a dos poetas heróicos, que alteraram as fábulas e as corromperam, como aquele poeta de Alcínoo, o cego Demódoco. A terceira idéia seria refutada porque implicaria um anacronismo. Os filósofos não encontraram as suas filosofias nas fábulas homéricas, mas, ao contrário, aí as introduziram. A sabedoria poética, com suas fábulas, teria proporcionado uma ocasião aos filósofos para meditar as suas sutis verdades.

Essas três idéias são equivocadas porque pressupõem um Homero individual e porque pressupõem uma noção de autoria apenas individual. De acordo com Vico, em virtude de se atribuírem esses épicos homéricos às reflexões de um homem particular, sumo e raro poeta, os pesquisadores consideraram velada a história do direito natural dos gentis da Grécia. Do mesmo modo, porque se acreditou que os romanos emprestaram dos atenienses a lei das XII tábuas, que teria sido dada por um homem em particular, Sólon, ficou assim velada a história do direito natural dos gentis heróicos do Lazio (*Idem, ibidem, § 904*). O ponto de vista de Vico foi sobretudo o de um historiador do direito e dos costumes, para quem os dois poemas homéricos constituíam dois grandes tesouros dos costumes e do direito natural dos gentis da antiqüíssima Grécia.

Paradoxalmente, Vico rompeu com os antigos e atacou os modernos. Ele não concluiu que, pela ausência de filosofias e de críticas literárias, os poemas homéricos fossem medíocres. Ao contrário, exatamente por ter sido vulgar é que seria excelente o valor das obras de Homero. Vico admitiu que os poemas homéricos são “dois tesouros” e que eles “deram ocasião” aos filósofos de meditar suas idéias. Entretanto ele não estava disposto a afirmar que a essência da poesia era reflexiva e que ela deveria se diferenciar do senso comum. Nem tampouco que os poemas homéricos teriam sido deliberadamente compostos por alguma mente singular. Afirmou que não se faria boa poesia apenas com fórmulas e refinamentos de linguagem, sem uma

fantasia vigorosa. Nisso o filósofo napolitano contrastava de antigos e modernos, os quais teriam julgado que a poesia sempre fora um modo não corrente e diferenciado de expressão. Vico pretendeu demonstrar que a linguagem figurada era o único modo conhecido de descrever o mundo, antes da linguagem prosaica, e que os poemas homéricos eram excelentes simplesmente porque foram expressão de povos naturalmente poéticos.

Sob a ótica de Vico, não só a mitologia como a poesia em geral torna-se fonte privilegiada de reconstituição da história, sobretudo da história mais remota. O escopo do filósofo italiano não foi apenas ilustrar as instituições humanas do passado; pretendia, além disso, traçar um perfil do tipo de mentalidade do homem primitivo e da linguagem que a acompanhava. Nesse sentido, a poesia seria aliada à história.

De acordo com Vico, a principal característica da mentalidade primitiva foi primordialmente dar às coisas admiradas o ser de substância a partir de sua própria idéia (*Idem, ibidem*, § 375). Ou seja, aquilo que é “subjetivo”, isto é, constituído de uma propriedade da coisa somente imaginada, torna-se a coisa mesma. Vico, nesse ponto, valia-se da comparação com a mentalidade das crianças, as quais, tomando coisas inanimadas nas mãos, passam a brincar e a conversar com elas como se fossem pessoas vivas. Badaloni indicou que essa forma de transferência seria semelhante ao fetichismo (Badaloni, 1988, p. 77). Esse procedimento mental estaria ligado a uma capacidade criativa ingênua, que torna o imaginado uma substância mesma.

Vico citava Tácito para expressar essa criatividade pela qual os homens *figunt simul creduntque*⁷. Tudo o que viam, imaginavam e o que eles mesmos faziam, acreditavam ser Júpiter, e a todas as partes do universo deram o ser de substância animada (Vico, 1992, § 379). A partir desse princípio, talvez se possa compreender melhor o uso mecânico e inconsciente de metáforas e de metonímias por parte dos homens primitivos (Badaloni, 1988, p. 79).

Cabe lembrar que, no *Timeu* e no *Crítias*, a mitologia fora vetada por Platão como fonte histórica. A “ciência da história”, para Platão, deveria estar calcada em dados precisos, ou seja, em documentos escritos e não em mitologias, que são formuladas em tradição oral - as

mitologias pareceriam contos infantis (Platão, *Timeus*, 23b5). Somente sob a condição do documento escrito, seria cumprida a exigência de precisão requerida para o tratamento das coisas humanas (*Idem, Crítias*, 107d7).

Em contrapartida, nas *Leis*, Platão recorreu à imagem dos ciclopes de Homero, para caracterizar os primeiros homens sociais dos remotos tempos das organizações patriarcais⁸. Platão sugeria que os ciclopes homéricos eram um testemunho mítico de uma forma rude (*agriotéta*) e primitiva de governo (*politeia*) (*Idem, Nomoi*, 680d), isto é, de organização social. Longe de ser antiomérico, nesse ponto, o discípulo de Sócrates fez elogios à poesia do “príncipe dos poetas” e assinalou o seu valor enquanto fonte histórica. Essa parece ter sido também a perspectiva de Vico, que foi um grande leitor de Platão.

A “nova ciência” de Vico tem um princípio metodológico segundo o qual *le dottrine debbono cominciare da quando cominciano le materie che trattano* (Vico, 1992, § 314). A filosofia deve ser auxiliada pela filologia e vice-versa. De fato, um dos dados filológicos que subsidiam a idéia de uma primitiva sociedade patriarcal ao mesmo tempo rude e poética não é nada menos que a mesma imagem homérica dos ciclopes, que, nas *Leis* de Platão, caracteriza o primeiro homem social da história, na qual o filósofo grego reconhecia os primeiros pais da fase das famílias. A “nova ciência”, nesse sentido, tornava-se uma história do homem social, e como tal deveria começar pela investigação dos ciclopes de Homero:

[...] há um lugar de ouro de Platão que diz, após os particulares dilúvios ogígio e deucaliônico, terem os homens habitado as grutas sobre os montes, e os reconhece nos polifemos, nos quais alhures encontra os primeiros pais de família do mundo; mais tarde, sobre os sopés, anuncia-os em Dárdano que construiu Pérgamo, que se tornou depois a cidadela de Tróia; finalmente, nas planícies, avista-os em Ílio, a partir do momento em que Tróia foi levada ao plano vizinho ao mar e foi dita Ílio⁹.

Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Ars Poetica, 1992.
BADALONI, N. *Introduzione a Vico*. Firenze: Laterza, 1988.

⁷ Tacitus. *The Annals of Tacitus*, Loeb, 1986, V, 10. Para Vico, essa passagem de Tácito ajuda a explicar a mentalidade dos povos primitivos, que assim consignavam uma “metafísica poética”. Nesse caso, a ficção seria irrefletida, fruto das necessidades mentais daqueles povos, e não resultado de alguma maquinação embusteira, cf. *Scienza Nuova*, § 376. Vale lembrar que Bacon citou a mesma passagem de Tácito, porém com uma interpretação negativa, segundo a qual o deleite de enganar e a propensão a ser enganado quase sempre coincidem, pelo que o crédulo geralmente é charlatão, de modo que aí se inseriu, na ficção, uma reflexão mal intencionada, cf. Bacon, *The Advancement of Learning*, Oxford, 2000, p. 26.

⁸ Trata-se de uma passagem do canto IX da *Odisséia*: “Para eles não há agora deliberante, nem leis./ No cimo de altas montanhas, eles vivem agrestes/ Em grutas côncavas, e cada um dita a lei/ A seus filhos e mulheres, sem darem notícias uns aos outros”. Veja-se PLATON, *Ouvres Complètes*, Belles Lettres, 680b.

⁹ Vico. *Scienza Nuova*, § 296. “è un luogo d'oro di Platone, che dice, dopo i particolari diluvi ogigio e deucalionio, aver gli uomini abitato nelle grotte sui monti, e gli riconosce ne' polifemi, ne' quali altrove rincontra i primi padri di famiglia del mondo; dipoi, sulle falde, e gli avvisa in Dardano che fabbricò Pergamo, che divenne poi la ròcca di Troia; finalmente, nelle pianure, e gli scorge in Ilio, dal quale Troia fu portata nel piano vicino al mare e fu detta Ilio”.

- HOMÈRE. *Iliade*. Paris: Belles Lettres, 1955, 1972, 1974.
HOMÈRE. *Odyssee*. Paris: Belles Lettres, 1924, 1987.
HORACE. *Ars Poética*. Paris: Hachette, 1868.
LEVINE, J.M. "Giambattista Vico and the Quarrel between the Ancients and the Moderns". *Journal of the History of Ideas*, 1991, v. LII, n. 1, 1991.
PARRY, M. The Making of Homeric Verse. In: *The collected papers of Milman Parry*. Oxford, 1987.
PLATÃO. *Platonis Opera*. Oxford, s/d.
- SORRENTINO, A. *La Retorica e la Poetica di Vico*. Torino: Fratelli Bocca, 1927.
VICO, G. *Opere*. Riccardo Ricciardi, 1953.
VICO, G. *Principi di scienza nuova*. Milano: Mondadori, 1992.

Received on January 14, 2005.

Accepted on May, 31, 2005.